

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA ALAGOANA NO QUARTO TRIMESTRE DE 2017

Superintendência de Produção da Informação e do Conhecimento (SINC)
Gerência de Estatística e Indicadores

A presente Nota Técnica tem como objetivo apresentar um panorama geral da indústria, abordando alguns setores como: mercado de trabalho, energético, construção civil e combustíveis, para a economia alagoana no quarto trimestre do ano de 2017, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Eletrobrás, Sindicato da Indústria e da Construção Civil de Maceió (Sinduscon) e Agência Nacional do Petróleo (ANP), e tem como foco o comportamento dos principais indicadores dos setores supracitados.

1. Emprego

Ao analisar os dados do CAGED para o quarto trimestre de 2017 (Tabela 1) o saldo para a indústria fechou em 13.250 postos de trabalho, sendo possível perceber uma variação positiva do emprego na indústria (183,60%) se comparado ao mesmo período de 2016. Parte deste resultado se deve ao período cíclico da indústria sucroenergética que contrata trabalhadores para o período da safra. É válido reforçar que este segmento absorve um grande contingente de mão-de-obra em tempos de colheita e produção.

Tabela 1 - Saldo de Emprego para a Indústria em Alagoas, por categoria, para o quarto trimestre de 2016 e 2017

SUBSETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo 4º Trimestre (Variação absoluta)		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	-73	-16	78,08%
<i>Indústria de Transformação</i>	5.888	14.270	242,36%
<i>Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação</i>	-35	93	365,71%
<i>Construção Civil</i>	-1.108	-1.097	0,99%
Total da Indústria	4.672	13.250	183,60%
Somatório de todos os Setores	4.123	16.589	302%

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Nota-se que subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUP exibiu o maior crescimento percentual de toda a indústria (365,71%), significando que os serviços públicos cresceram.

1.1 Acumulado no ano

A Tabela 2 retrata o comportamento anual do mercado de trabalho em Alagoas, o qual mostra uma variação negativa significativa, levando-se em consideração o ano de 2017 em relação a 2016. Os subsetores da *Indústria de transformação e Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação* apresentaram queda acentuada no número de postos de trabalho, o que contrasta com a tendência do último trimestre de 2017, on estes registraram saldos positivos e varrições de 242,32% e 365,71%, respectivamente.

Tabela 2 - Saldo de Emprego para a Indústria em Alagoas, por categoria, para os anos de 2016 e 2017

SUBSETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo anual (Variação absoluta)		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	-77	-74	3,90%
<i>Indústria de Transformação</i>	-2494	-4450	-78,43%
<i>Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação</i>	2	-107	-5450,00%
<i>Construção Civil</i>	-4973	-1952	60,75%
<i>Total da Indústria</i>	-7542	-6.583	12,72%
Somatório de todos os Setores	-10.649	-8.324	21,83%

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Diante do exposto, fica evidente que a indústria alagoana sofreu os impactos da crise econômica nacional que se iniciou em 2015, cuja economia ainda não se recuperou plenamente.

2. Energia Elétrica

Em um estudo de 2006, Soytras e Sári avaliaram a relação entre energia e produção industrial na Turquia, dados os fatores investimento e emprego fixos. Chegaram a conclusão de que há uma relação de causalidade entre consumo de eletricidade e valor adicionado na produção, ou seja, o consumo de energia aumenta conforme a produto da indústria se eleva.

Tabela 3 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por Segmento Industrial, para o quarto trimestre de 2016 e 2017

Subsetores da Indústria	Consumo de energia no 4º trimestre [MW/h]		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	110.619	24.784	-77,59%
<i>Indústria de Transformação</i>	106.440	114.264	7,35%
<i>Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação</i>	6.504	919	-85,87%
<i>Construção Civil</i>	342	318	-7,16%
Total da Indústria	223.905	140.285	-37,35%

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

Ao observar os dados na tabela acima, é possível notar que quase todos os segmentos industriais apresentaram variações percentuais negativas para o consumo de energia elétrica, exceto a indústria de transformação. No total da indústria, houve um recuo de 37,35% do consumo no quarto trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior. Uma leve retomada na indústria de transformação pode significar uma mudança de tendência, principalmente no segmentos de alimentos.

2.1 Acumulado no ano

Em relação ao consumo de energia nota-se que houve variação negativa, no acumulado do ano, que foi amortecida pelo aumento no consumo do subsetor de Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação (31,16%). Cabe destaque para a Extrativa Mineral e Construção Civil que apresentam queda.

É importante frisar que os dados de energia elétrica são utilizados para calcular a estimativa trimestral do PIB no subsetor da indústria de transformação, o que aponta, ainda, para uma situação de crise neste, pois a queda no consumo pode indicar queda na produção.

Tabela 4 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por Segmento Industrial, para os anos de 2016 e 2017

Subsetores da Indústria	Consumo de energia no ano [MW/h]		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	110.619	103.345	-6,58%
<i>Indústria de Transformação</i>	450.094	445.951	-0,92%
<i>Eletricidade, Esgoto, Gás, Água e Descontaminação</i>	6.504	8.530	31,16%
<i>Construção Civil</i>	1.364	1.310	-3,99%
Total da Indústria	568.581	559.135	-1,66%

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

3. Construção Civil

De acordo com Kureski et. al (2008) a indústria da Construção Civil é de fundamental importância para a estrutura econômica de um país, dado que esta é grande consumidora de produtos dos outros segmentos industriais, com uma ampla cadeia produtiva. A agregação da indústria da Construção Civil e às atividades que fornecem insumos e serviços dá-se o nome de macrossetor da Construção Civil.

Com a finalidade de proporcionar uma análise mais detalhada, serão abordados o Índice de Velocidade de Vendas¹ (IVV) e o Custo da Construção Civil por Metro Quadrado².

Tabela 5 - Indicadores (Índice de Velocidade de Vendas – IVV e Custo por Metro Quadrado em Reais) da Construção Civil em Alagoas, para o quarto trimestre de 2016 e 2017.

Mês	IVV ²		Custo da Construção por m ² (³)	
	2016	2017	2016	2017
outubro	2,0	3,7	1.110,77	1.137,04
novembro	1,4	5,2	1.112,59	1.141,15
dezembro	4,0	3,9	1.113,10	1.143,05
Média do 4º Trimestre	2,47	4,27	1.112,15	1.140,41

Fonte: IBGE e Sinduscon – AL.

¹ Este índice é calculado para a região metropolitana de Maceió. Ele corresponde ao total das vendas de unidades habitacionais dividida pela oferta total de imóveis residenciais, multiplicado por 100.

² Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolve a execução da mensuração deste indicador mensalmente, através do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI).

Em conformidade com a Tabela 5, observou-se que o IVV do mercado para cidade de Maceió, no quarto trimestre de 2017, apresentou alta de 73% em relação ao quarto trimestre de 2016. Este resultado demonstra uma melhora no volume de vendas no mercado imobiliário do município.

Criado em 1969, o SINAPI tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando não só à elaboração e avaliação de orçamentos, como também ao acompanhamento de custos.

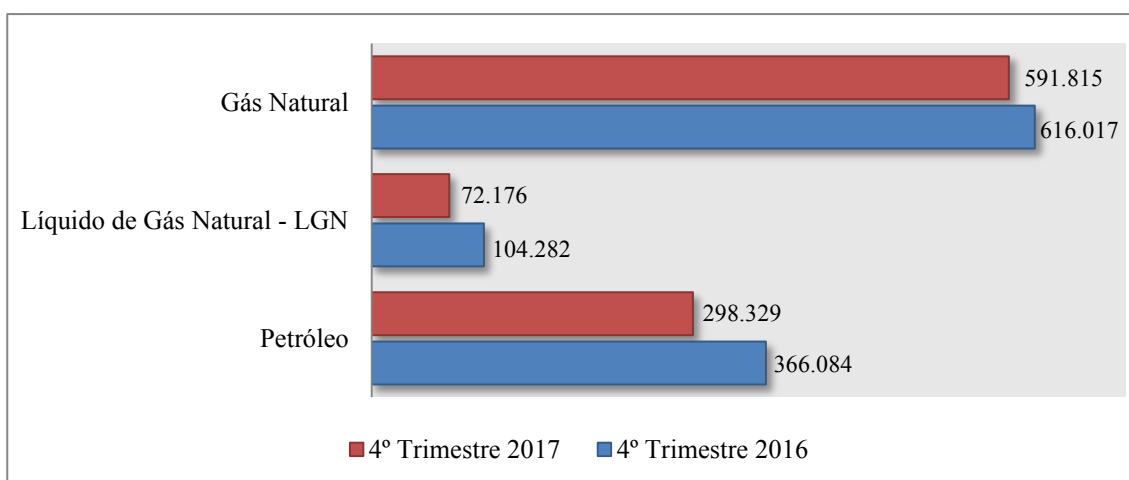
Os dados do SINAPI, Tabela 3, mostra que o custo por m² aumentou, chegando a uma média de R\$ 1.140,31 no período, que representa uma variação positiva de 2,54% em relação ao quarto trimestre de 2016.

Cabe ratificar que esse crescimento nos custos da construção por m² tende a acompanhar o aumento da inflação, pois a elevação dos preços das matérias-primas e da mão de obra provocam dificuldades para o setor, aumentando os custos.

4. Petróleo e Gás Natural

Finn (1996, p. 12), considera que “mais insumos são necessários para aumentar o produto, significando que mais energia deve ser demandada para o crescimento do produto, em virtude da energia ser um importante item para a utilização do capital”.

Figura 1 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em Barris, em Alagoas para o quarto trimestre de 2016 e 2017



Fonte: ANP. Elaboração SEPLAG/SINC.

Observando a Figura 1 percebe-se que houve uma queda da produção total de petróleo, e líquido de gás natural em relação ao mesmo período do ano anterior (11,42%). A produção de petróleo apresentou variação negativa de 18,51%, Líquido de Gás Natural (-30,79%) e Gás Natural (-3,53%). Esta tendência de queda também é característica no cenário nacional; a Petrobras atribui esta queda a falhas operacionais.

4.1 Acumulado no ano

As variações anuais nas produções de petróleo e derivados (gás natural e líquido de gás natural) seguiram a tendência do último trimestre de 2017 – exceto no caso do gás natural que exibiu crescimento de 5,88% no ano, enquanto que, no último trimestre apresentou queda de 3,53%.

Tabela 6 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em Barris, em Alagoas para os anos de 2016 e 2017

Produção (em barris)	2016	2017	Variação (%)
Petróleo	1.608.267	1.231.228	-23,44%
Líquido de Gás Natural - LGN	424.695	356.761	-16,00%
Gás Natural	240.036.001	254.143.745	5,88%
Total	242.068.963	255.731.734	5,64%

A produção de petróleo é utilizada como *proxy* para estimar a variação do subsetor de **extrativa mineral**, que, nesse caso, exibirá queda no ano de 2017.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos na presente nota técnica apontam para a identificação de dificuldades nos setores industriais de extrativa mineral, retomada do crescimento das vendas de imóveis e redução de, aproximadamente, 12% da produção total de petróleo e derivados.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional do petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP. Dados de Petróleo e Gás Natural. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Atlas de Energia Elétrica do Brasil. 2002. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/LIVRO_ATLAS_2.pdf/712384c0-8922-42dd-a761-e82d770537ac?version=1.0>. Acesso em novembro de 2016.

SOYTAS, U., SARY, R. The relation between energy and production: Evidence from Turkish manufacturing industry. *Energy Economics*. 2006.

Eletrobrás. Dados de Consumo de Energia Elétrica.

FINN, M. G., Energy Price Shocks, Capacity Utilization and Business Cycle Fluctuations. Minneapolis: Institute for Empirical Macroeconomics, 1996.

IBGE. Dados da Construção Civil. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2296>>. Acesso em: de 08 fevereiro de 2016.

KURESKI, Ricardo; RODRIGUES, Rossan Lott; MORETTO, Antônio Carlos; SESSO FILHO, Umberto Antônio; HARDT, Letícia Peret Antunes. O macrossetor da construção civil na economia brasileira em 2004. 2008. Disponível em: <<http://scholar.google.com>>. Acessado em: julho de 2017.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (CAGED). Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/principal.htm>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2016.

Sindicato da Indústria e da Construção Civil (SINDUSCON – AL). Dados da Construção Civil. Disponível em: <<http://www.sinduscon-al.com.br/>>. Acesso em: 06 de julho de 2015.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n. 109, p. 9–26, 2005.